

BATISTA, Antônio Augusto GOMES e CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de.
Família, escola, território vulnerável.
São Paulo: CENPEC, 2013.

FAMÍLIA, ESCOLA, TERRITÓRIO VULNERÁVEL
FAMILY, SCHOOL, VULNERABLE TERRITORY

Nadir Zago*

Nas últimas décadas podemos constatar uma renovação nos estudos de inspiração sociológica sobre família e escola e um crescimento de pesquisas voltadas à compreensão das relações complexas entre essas duas instituições. As famílias passaram a ocupar um lugar importante nas pesquisas em educação, sobretudo no ensino fundamental. Parte dos estudos realizados tem centralizado seus esforços para compreender os casos de êxito e insucesso escolar em meios sociais com reduzidos recursos econômicos e culturais. Nessa direção, os aportes teóricos da sociologia de Pierre Bourdieu representam um referencial importante e uma análise crítica das relações entre classes sociais e destinos escolares. Assim, sua contribuição à desnaturalização das desigualdades educacionais é igualmente inegável.

A partir desse referencial, mas não se limitando unicamente a ele, avançamos na compreensão dos significados atribuídos à escola, assim como dos processos e das práticas de escolarização segundo diferentes classes e estratos sociais. Sem desconsiderar as grandes determinações sociais, econômicas e culturais que pesam sobre os resultados escolares, identificamos uma tendência de pesquisas, sobre o mesmo tema, voltada a compreender as regularidades e singularidades que tecem as interações família e escola. O livro aqui resenhado representa parte desse esforço coletivo voltado para a compreensão das relações entre essas duas instituições e seus reflexos sobre os resultados escolares.

“Como as famílias que residem em territórios vulneráveis de grandes centros urbanos se relacionam com a escola e com a escolarização de seus filhos?” Esta é a questão norteadora de uma

* Doutora em Sciences de l'Éducation, Université René Descartes (Paris V - França); Professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora *Strictu Sensu* da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). Email: nadirzago@uol.com.br

pesquisa que resultou no livro *Família, escola, território vulnerável* de Antônio Augusto G. Batista e Hamilton Harley de Carvalho-Silva, publicado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. No estudo realizado, os autores buscaram compreender o efeito de territórios segregados sobre as oportunidades educacionais e apreender os mecanismos sociais e escolares implicados tanto na redução da qualidade dessas oportunidades como na ampliação das desigualdades educacionais. No seu percurso teórico-metodológico se apoiaram em um estudo de caso, em profundidade, com doze famílias. Fazem parte do material de análise fontes de informações tanto das famílias quanto do contexto local e das escolas circunscritas no entorno pesquisado, a saber: relatórios, reuniões com a assistente social da ONG, programas sociais no bairro, registros de observação e sobretudo uma pesquisa qualitativa apoiada em entrevistas com mães de alunos inscritos em cinco escolas de uma região periférica da cidade de São Paulo.

Para conhecer os processos e práticas educativas familiares - em relação à escola, mas também no sentido mais amplo de educação - encontramos na obra informações relevantes sobre as condições concretas de vida (materiais e simbólicas) de um grupo de 12 famílias de baixa renda e reduzido capital cultural. Para chegar a esse grupo, com características relativamente heterogêneas, os pesquisadores estabeleceram um processo de seleção de 300 fichas cadastrais de famílias inscritas em um programa social não governamental, além de contatos com a assistente social do mesmo programa e observações em reuniões com as mães. Este e outros procedimentos adotados permitem ao leitor conhecer as diferentes modalidades empregadas na obtenção de dados em torno de um problema central de pesquisa e no processo de produção dos seus resultados.

Longe de cair na armadilha de uma análise que tende a realçar o “miserabilismo”, os autores adotaram uma perspectiva microssocial para apreender tanto “o modo como, nas grandes cidades, a segregação socioespacial tende a restringir as oportunidades educacionais oferecidas pelas escolas localizadas nesses territórios” (p.13) quanto, da parte dos usuários, suas práticas efetivas nas dinâmicas das interações com os filhos e nas formas como se relacionam com a escolaridade deles. Em um contexto de limitações sociais, más condições de moradia e acesso a serviços públicos (como saúde e segurança), ganha também visibilidade o grande esforço¹ familiar para assegurar frequência à escola e acompanhamento dos estudos dos filhos, assim como a transmissão de disposições e

valores, práticas que parecem pouco conhecidas das instituições de ensino. Como também já demonstraram vários estudos, essas e outras formas de investimentos familiares - para otimizar a escolarização dos filhos - sofrem variações segundo as classes e os grupos sociais. Segundo os autores, as famílias em situação de maior vulnerabilidade econômica e social estão “longe de se organizar em função de um planejamento temporal de longo curso” (p.206) se comparadas, por exemplo, às camadas médias.

Do ponto de vista metodológico cabe ainda destacar, por sua relevância na construção dos “retratos sociológicos” das famílias², o retorno dos pesquisadores ao campo de estudo para contemplar a dimensão temporal na coleta de dados (2011-2013) e possíveis mudanças favoráveis e desfavoráveis nas questões relacionadas à pesquisa (condições de vida, de trabalho e escolaridade etc.). Essas diferentes perspectivas adotadas permitiram reforçar certos conhecimentos acumulados sobre as desigualdades sociais e educacionais nos meios populares e, nessa direção, destaca-se a não omissão parental na escolarização dos filhos, a importância social da escola como espaço de socialização e capaz de formar habilidades que permitem ter acesso a melhores condições no mercado de trabalho ou, ainda, certas dissonâncias entre as práticas das famílias de origem popular e a lógica escolar de socialização. A obra abre caminhos para avançar na compreensão de uma realidade social ainda pouco investigada: a educação em territórios de alta vulnerabilidade social³ e as desigualdades socioespaciais em áreas metropolitanas.

A pesquisa constatou limitações das oportunidades educativas oferecidas pelos estabelecimentos de ensino localizados em espaços segregados, resultantes das desigualdades condicionadas pelo isolamento social, cultural e espacial de sua população. Os efeitos das políticas de setorização de matrículas⁴ são demonstrados no livro tanto em relação às estratégias adotadas pela escola quanto às práticas familiares na escolha dos estabelecimentos da rede pública de ensino. Em síntese, o trabalho mostra as relações complexas entre famílias e escola frente à expansão escolar e os processos de avaliação externa, que reforçam a hierarquia dos estabelecimentos de ensino, não sem efeito no reforçamento das desigualdades educacionais.

Na esteira de uma tendência dos estudos voltados para as relações famílias e escola, os resultados reforçam a tese da heterogeneidade presente nas interações sociais entre os meios populares e a escola. Para além das similaridades que marcam as condições socioeconômicas e culturais, as famílias que residem

em territórios de maior vulnerabilidade têm histórias de vida, estilos educativos, experiências e disposições que não seguem um único padrão, ou seja, não se trata de uma população indiferenciada. Como observaram os autores, são distintos também, em escala microssocial, os níveis de vulnerabilidade. Nada melhor do que a citação retirada do livro para ilustrar essa tese da não linearidade social

...as famílias nos territórios vulneráveis - é o que a investigação mostra - não são feitas só de Júlias nem só de Rosas⁵. Se vistas de longe, em escala macrosociológica, as famílias são muito semelhantes e parecem homogêneas no que diz respeito às condições de vida e à posse de recursos culturais; mas vistas de perto, em escala microssociológica, são muito distintas e heterogêneas, tanto no que diz respeito às condições de vida como no que diz respeito à posse de recursos culturais e, especialmente, às disposições em relação à escolarização dos filhos (p.232).

Portanto, as dissonâncias que marcam fortemente as relações família-escola não excluem a coexistência de disposições e práticas, nem sempre planejadas, que aproximam tanto os pais como os filhos do universo escolar em bairros de vulnerabilidade social. Se não há um retrato único para definir as famílias, esta observação é igualmente válida para o bairro e a escola pública. Em síntese, as denominações no singular encobrem hierarquias que ficam bem evidenciadas na percepção das mães entrevistadas: 1) do bairro de residência, com suas áreas com distintos níveis de vulnerabilidades que exercem influências no cotidiano dos moradores e na percepção deles sobre o local; 2) dos estabelecimentos de ensino: . No topo está aquela avaliada pelas mães como a melhor escola pública e também a que exerce maior atração no momento da matrícula; seguida de outra que ocupa posição intermediária e para a qual recorrem quando não encontram disponibilidade de vaga no estabelecimento de preferência e, por último, a que procuram evitar porque julgam ser a pior instituição de ensino. Contam nessas avaliações: a reputação da escola no bairro, as possibilidades de receber benefícios sociais por meio da instituição, a proximidade com o local de moradia, o absenteísmo dos professores, as práticas de comunicação com as famílias, a qualidade de ensino, mas o principal critério de avaliação favorável recai sobre a escola que oferece disciplina, segurança e proteção aos alunos. Os dados indicam ainda que as taxas de repetência, de distorção idade-série e os resultados do IDEB⁶ contribuem na produção de tais hierarquizações.

Amplamente ilustrada com depoimentos, fotos, estatísticas, entre outras informações e uma análise das configurações de cada família e do conjunto dos dados do grupo, a publicação citada oferece uma interpretação sociológica empiricamente bem apoiada sobre as desigualdades socioespaciais e seus efeitos na escolarização. Como aproximar as famílias com relações mais consonantes com a escola sem reproduzir as pedagogias compensatórias foi um desafio da pesquisa e certamente de outras que se sucederão. Faz parte ainda de seus objetivos promover reflexões sobre a realidade social para o fortalecimento das populações e instituições e por isso mesmo visa a oferecer contribuições aos professores e às políticas públicas em bairros vulneráveis. Esta é a aposta do grupo ao se propor socializar os resultados de investigação.⁷

DADOS SOBRE OS AUTORES:

Antônio Augusto Gomes Batista dirige a Coordenação de Desenvolvimento de Pesquisas do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), uma OSCIP que há mais de 26 anos desenvolve projetos e investigações em nível nacional. Fez seu mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, onde atuou como docente até 2012, na graduação, e 2014, na pós-graduação. Foi *visiting scholar* na University of Tennessee at Knoxville, professor visitante na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor convidado na Universidad Nacional de La Plata, na Argentina. Realizou pós-doutorado na área de História e Sociologia da Cultura na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Entre suas principais publicações destacam-se *Aula de Português: discurso de saberes escolares* (Martins Fontes, 1997); *O texto escolar: uma história* (Autêntica: 2004); *Livros escolares de leitura: elementos para uma história* (com Ana Maria de O. Galvão; Mercado de Letras; 2009).

Hamilton Harley de Carvalho-Silva é colaborador da Coordenação de Desenvolvimento de Pesquisas do CENPEC. Fez seu mestrado no Programa de Pós-Graduação da USP, onde hoje realiza seu doutorado. Seus principais interesses de pesquisa se voltam para processos educativos ligados à cidade e à circulação nela por populações periféricas e estigmatizadas.

Luciana Alves é pesquisadora da Coordenação de Desenvolvimento de Pesquisas do CENPEC e uma das autoras do Posfácio que conclui o livro. Realizou seu mestrado na USP, voltado para o tema das relações étnico-raciais. Sua dissertação deu origem ao livro *Ser Branco no Corpo e para além dele* (Hucitec, 2013).

NOTAS

¹ Em relação aos meios populares, os autores consideraram mais apropriado o termo esforço, contrariamente ao de investimento, porque entenderam que o primeiro “expressa a intensificação de um recurso, energia ou capacidade não excedentes, que não são acumulados, mas que são despendidos ou gastos”, diferentemente do que é possível observar nas camadas médias, cuja prática corrente é “desenvolver um conjunto regular, sistemático e coerente de estratégias para otimizar a escolarização dos filhos”, portanto, como formas de investimentos calculados para rentabilizar as chances escolares (p.205).

² Os retratos sociológicos, cuja organização permite observar as diversidades das famílias, seguem metodologia adotada por Bernard Lahire. Ver, entre outras fontes do mesmo autor: *Portraits sociologiques: dispositions et variations individuelles*. Paris: Nathan, 2002.

³ Para efeito deste estudo são considerados territórios vulneráveis “aqueles espaços criados nas metrópoles pelas desigualdades socioespaciais e que conjugam, no caso da cidade de São Paulo, localização periférica, isolamento espacial e grande concentração de baixa renda e escolaridade, implicando, desse modo, segregação socioespacial, bem como reduzido acesso da população a direitos básicos” (p.31).

⁴ Conforme indicação do livro citado “Em São Paulo, a setorização da matrícula estabelece que a vaga de cada aluno deve ser designada para um estabelecimento de ensino próximo a seu local de moradia” (p.34)

⁵ Nomes fictícios de duas mães entrevistadas.

⁶ Índice de Desenvolvimento de Educação Básica.

⁷ O livro está disponível para download em <http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/producoes-cenpec/familia-escola-territorio-vulneravel>. Interessados em receber um exemplar podem solicitá-lo enviando um email para pesquisa@cenpec.org.br.

Recebido: 09/01/2014

Aprovado: 15/05/2014

Contato:

Universidade Comunitária da Região de Chapecó
Rua Senador Atílio Fontana 591-E EFAPI
Florianópolis | SC | Brasil
CEP 89.809-000